

LIMONADA À LA POEAntônio Corvo¹

De um limoeiro um limão pergunta
A uma maçã, de madura, defunta
De que vale, ó dilema, esta vida, afinal
Se ele, que é azedo, e ela, que é doce,
Esta pra hoje, aquele, pr'um dia,
Todos os dois, numa queda invernal,
Terminarão, ele o crê, de forma tão precoce,
Seus dias de fruta em manhã fugidia?

Vacilante em seu caule, já sem equilíbrio,
Da macieira vizinha responde a maçã:
Vivi como pude e não me arrependo.
Não acho que haja na vida tal brio,
Achar um sentido em matéria tão vã.
Desde a semente é que se vai morrendo,
E isto é tudo a cumprir-se no mundo.

E nisso ficaram as frutas o resto do dia inteiro:
O limão e uma angústia azedinha, a maçã realista e descrente.
À noite vieram as estrelas, e com elas o bom fazendeiro,
Com cestas e uma foicinha, à cata, impiedosamente.

¹ Doutorando da Universidade Federal Fluminense.

Em frente ao pé de limão, “tão bão” cheiro de limoeiro,
Achou o limão saboroso, inchado de suco e cheiroso,
Cortou-o do galho com gosto, partiu-o ali mesmo e chupou-o,
Deixando do existencialista, só casca, bagaço e o cheiro.

Chegada a vez da maçã, brilhante ‘causa do luar,
Madura demais, moribunda, nem doce, nem outro manjar.
A ela também veio a foice, salvou-lhe do chão o samburá,
“Esta está boa pros porco, pra modi a lavagem engrossá”.

Um corvo-preguiça que ali no pomar,
Ouvira a conversa e a morte chegar,
Profundo suspiro, longínquo, soltou,
E meditabundo consigo falou:

Foi-se o limão em cruel limonada,
Achou finalmente da vida o sentido.
E à velha maçã tão desesperançada,
Coube ser alimento de porco nutrido.

E depois de irônica filosofia,
Disse ainda, o corvo, em tom de zombaria:

– É por isso que só como carne.

E ainda:

– Frutas, nunca mais.